



ABRIL

2022



Nova Atena
Sabere e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

ABRIL

2022



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

ÍNDICE

| AUTOR | TÍTULO | PÁGINA |
|----------------------------|--|--------|
| Carlos Baptista | Amor ontem, amor hoje | 2 |
| Faustino Vital | O pastel de bacalhau | 3 |
| Fernando Baptista | Um dia | 4 |
| Francisco Lourenço | Melros de bicos encarnados | 5 |
| Isabel Pernes | Hoje não há mote | 6 |
| Jerónimo Pamplona | As idades, da minha idade | 7 |
| Jerónimo Pamplona | Creio que foi o sorriso quem abriu a porta | 8 |
| José Eduardo Gomes Marques | O homem verde, 13 de abril 2022 | 9 |
| Luísa Machado Rodrigues | Marina | 10 |
| Maria da Conceição Areias | Domingo | 11 |
| Maria de Lourdes Santos | Pequenas grandes vedetas | 12 |
| Maria Silveira | Foi em abril | 13 |
| Marina Brandão Lucas | O Divino e os Imperadores | 14 |
| Mitú Branco | Azul | 15 |
| Mitú Branco | Guerra | 16 |
| Teresa Castro Mendes | Como se chama... | 17 |



nome

Carlos Baptista

género

POESIA PROSA

título

Amor ontem, amor hoje



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

AMOR ONTEM, AMOR HOJE

Emoções em erupção e em total desvario.

Coração que salta em ritmo frenético.

Nas mãos um suor húmido e frio.

Na cabeça um sonho erótico.

Jovens saboreiam o ardor

Do doce e fantástico

Quase patético

Amor

Amor

Suave, empático.

De memórias partilhadas.

Seniores sentem, e dão valor

À amizade, e ao desejo autêntico

De mãos sedosas que afaçam com calor.

O coração batendo, ritmo de valsa animada.

Emoções deslizam calmas nesta ampulheta invertida.





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

O pastel de bacalhau

O PASTEL DE BACALHAU

Desde há muito tempo, em momentos de calamidade, sofrimento de gentes, guerra e fome os povos fazem valer a sua imaginação face à penúria e transformam o que é escasso ou menos nobre em algo mais substancial para encher os corpos esfomeados. Temos vários exemplos ao longo dos séculos. Citando alguns mais conhecidos como as alheiras, tripas à moda do Porto, farinheiras, as migas e diversos enchidos entre eles os maranhos, sopa alentejana e muitos outros mais em que se inclui o pastel de bacalhau. Quando o “fiel amigo” era pouco, mirrado e já duro como sola, era necessário ser cozido, desfiado, ser-lhe adicionado um pouco de cebola e salsa picada, pimenta, juntar um ovo, quando havia, e era misturado com batata cozida esmagada para ganhar volume. Depois, apertado e rodado entre duas colheres era frito em óleo bem quente e, por artes mágicas, emergia uma iguaria que se tornou um inquestionável património gastronómico nacional.

Há uns dias andei remoendo saudade dos bons tempos que lá passei, pela baixa de Lisboa que lamentavelmente é muito diferente de outrora e, na esquina da Rua Augusta com a de São Nicolau deparei com uma casa de venda de pastéis ou bolinhos de bacalhau. Muito bem situada, muito bem posta, cheirosa e nas vitrinas com os ditos; gordos de tamanho, dourados e apetitosos. Muitos e bem tentadores para os passantes, como eu. Entrei, já com a boca salivando, ergui os olhos a admirar a sala, e fiquei espantado com o que li em letras garrafais “Fazer pastéis de bacalhau é tão importante como ler Os Lusíadas” – citação do nosso aclamado e por muitos apreciado escritor António Lobo Antunes. E quem diz fazer diz comer, pois quem os faz também os come e dá a comer. Fiquei de boca aberta, não para ingerir algum pastel pois a vontade de repente sumiu, mas porque não percebi, não compreendi como uma pessoa responsável pode expressar uma ideia dessa natureza. Fazendo ficção compreendo que, se um náufrago perdido em ilha deserta só tivesse à sua disposição um pastel de bacalhau e os Lusíadas, sem dúvida a sua escolha seria o alimento, já que o livro intragável não seria aconselhável para o estômago. Leria mais tarde já reconfortado. Mas, simplesmente, comparar as duas coisas custa a entender. E eu, que tanto gosto e aprecio as suas citações e frases, me delicio com a sua apurada e fina argúcia e profundidade dos temas, a sua incisiva interpretação da alma e sentir do ser humano. Não sei, em dado momento, o que deu a esse nosso escritor de tantas e apreciadas obras literárias. Possivelmente na noite anterior dormiu mal, ficou com dores nas costas, teve assombrações com o Adamastor, talvez pesadelos vários e terríveis, febre e arrepios matinais, azia desconfortável, ficou sem cigarros, doía-lhe um calo ou tinha os pés frios nessa manhã.

Dei meia-volta e retornei a casa. Peguei no meu Lusíadas, grosso volume, edição comemorativa de 1960, cheirei a capa com subtil aroma a couro velho, folheei várias páginas de papel grosso antigo repletas de história, e nada me pareceu comparável com qualquer pastel. Nos Lusíadas contam-se feitos, conquistas, batalhas, heroísmos, descobertas feitas por homens temerosos do incerto, mas que venceram o medo, que deram tudo o que se lhes pedia e muito mais. Valorizam-se as lendas e epopeias, deuses antigos, civilizações, crenças e religiões. Destacam-se os grandes filósofos e outros pensadores da humanidade. Um livro que, pelo seu conteúdo fica para sempre na mente dos povos, é eterno, glorificado por estrangeiros como o melhor que já se fez na descrição da descoberta de novos mundos, ao avanço de décadas no desconhecido e contacto com novas gentes e costumes. Fiquei amargurado. Remoendo, mais tarde saí, e dirigi-me ao supermercado mais próximo. Comprei 6 pastéis de bacalhau com uns poucos euros. Comi alguns, deitei a embalagem no caixote e o sabor já se tinha, entretanto, diluído. Não restou nada. Somente o vazio.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Fernando Baptista

gênero

POESIA PROSA

título

Um dia



UM DIA

Quando entrou no carro, Leonor não sabia para onde conduzir naquela manhã fria e chuvosa de Outono. Talvez ver o mar. Desde pequena o mar a acalmava. Hoje, sentia-se como caída n'uma enorme cratera de granada.

Ligou o motor, olhou-se no espelho e disse de si para si: A batalha vai ser dura! É bom estar aqui contigo. Tenho de ir, mas não tenho medo. Conduzia devagar, um ligeiro sorriso em seus lábios, afinal disseram-me que estava tudo a correr bem, agora a quimioterapia finalizaria o processo.

A sala era pequena, sentada na cadeira mais perto dos profissionais de enfermagem, ouvia as suas conversas com invulgar interesse. Curiosamente era alegre o que diziam naquela sala, a quem, como ela, esperava o final da sessão.

Fazia sentido hoje uma história antiga contada por sua mãe, a história do ribeirinho. Pedira-lhe para a contar "um ror" de vezes, e de cada vez um novo significado encontrara. Fechou os olhos e sentiu ouvir-lhe a voz.

O ribeirinho corria contente, ligeirinho ia vivendo, no seu caminho não via, que havia, uma corrente. Trazia mil imagens, canções, o arco-íris, o mar as montanhas, doces murmúrios da brisa, o claro sol, a lua e o luar. Trazia beijos, unia corações, mas na ligeireza da corrida, havia uma corrente.

De repente a vida ganhou nova dimensão. A sombra deu lugar à claridade, ganhou nova dimensão, tanta coisa que as claras águas do ribeirinho traziam, mas ela embrenhada no trabalho abria e fechava a porta do seu coração com a ligeireza daquelas águas límpidas do ribeiro.

Acordou assustada! Oh que horror de sonho! No pequeno berço a seu lado alguém lhe estendia os braços. Abraçou-o com força, abriu a porta do seu coração e deixou que entrasse.

Acariciou o pequeno ser, com doces murmúrios da brisa que trazia beijos, unia corações e com brilho nos olhos escutou as canções que viajavam com o arco-íris.

Trancou por dentro a porta do seu coração e ninguém a podia jamais abrir.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

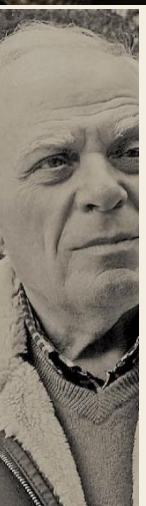
Melros de bicos amarelos



MELROS COM BICOS AMARELOS



O Inverno foi duro e longo
A Primavera nunca mais chegava
Os corvos dominavam a floresta
Às escondidas o povo falava
Melros de bicos amarelos
Faziam ninhos atarefados
Muitos cucos dormiam à sombra
Espreitavam ninhos já acabados
O povo trabalhava e trabalhava
A custo conseguia o seu pão
Lá longe na guerra colonial
Minas faziam covas no chão
O povo armado ficou cansado
Juntou-se à civil oposição
Melros de bicos encarnados
Entoam cânticos de nova canção
E numa madrugada de abril
Renasceu a Esperança e a Liberdade
A ditadura caíu de podre
Vila Morena passou a cidade
Foi então que o Povo ordenou
Aqui e agora, implanto a Igualdade





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Isabel Pernes

género

POESIA PROSA

título

Hoje não há mote

HOJE NÃO HÁ MOTE

É domingo, este que começa de maneira diferente. Não há mote, estamos de férias e eu não gosto! Quem diria, pois sempre desejava férias, descansar, sair da rotina, apanhar sol e tentar desligar.

Hoje aqui estou eu e apeteceu-me não fugir à rotina (muito diferente da antiga) e tentar não perder a pouca inspiração que sempre tenho.

Tenho a certeza das minhas limitações perante tantos amigos talentosos da EC, mas continuo a tentar e a não desistir apesar do tempo ir escasseando.

Hoje vou falar da quinta-feira da Ascensão na minha terra.

Eu sou da Chamusca (só as duas gerações mais novas é que não são) e lá a quinta-feira da Ascensão é feriado e além disso é dia de se lanchar no campo.

E assim era, a minha tia e o meu avô materno, com quem estava a fazer a quarta classe e a preparação ao exame de admissão ao liceu, tinham um estabelecimento e como tal eu ia com vizinhas e amigas da escola.

Nesse dia subimos ao Senhor do Bonfim o ponto mais alto da vila e depois de arranjamus um sítio cheio de azedas amarelinhas e mini malmequeres brancos estendemos a toalha vermelha e branca aos quadrados e colocamos os petiscos que levávamos. No entanto, ninguém deu que havia um bebedouro de animais por perto.

Com a mesa posta, fomos comendo, correndo e brincando com grande algazarra sob o controle atento de uma adulta.

Passado algum tempo para nosso espanto um novilho dirigiu-se ao bebedouro, mas não nos ligou nenhuma, bebeu e foi-se embora, quando nós estávamos preparadas para fugir, descansámos.

A seguir veio um touro, já adulto que apesar do nosso silêncio sepulcral, virou-se e olhos nos olhos fixou-nos. As crianças subiram às árvores, mas a adulta virou tudo da toalha enquanto acenava e gritava para se ir embora.

Felizmente apesar de olhos nos olhos e fúria latente por ter sido incomodado ele deve ter-se lembrado que era quinta-feira de Ascensão e seguiu o seu caminho e nós também arrumámos tudo e saímos dali o mais depressa que nos foi possível.

No dia seguinte na escola a história foi contada dezenas de vezes até com mais uns pózinhos de perlimpimpim.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

As idades, da minha idade

AS IDADES, DA MINHA IDADE!

Eu, Criança – Liberdade e Natureza

Foi numa pequena aldeia de Barroso, que nasci e cresci.
Não havia luz elétrica nem água canalizada nas habitações.
Mas, havia liberdade para brincar e no rio Cávado nadar!

Eu, Adolescente – A Aprendizagem

Foi num Colégio de ensino militar – os Pupilos do Exército.
Ali aprendi o valor da disciplina e da camaradagem.
Um por todos, todos por um!

Eu, Jovem – O Sonho e a Esperança

Foi um tempo de aprendizagem nas Conferências Vicentinas,
nas visitas a uma família pobre junto ao Palácio de Fronteira.
Percebi quão desigual era a distribuição da riqueza!

Eu, Jovem Adulto – A Reviravolta

Gabi querida, foi em 13 Junho 1965, na Ilha de Luanda,
eu pedi-te namoro e tu disseste que sim!
Damos o enlace na tua terra, o maravilhoso Golungo Alto!

Eu, Adulto – A Adaptação

Em Dezembro de 1975, o regresso a Portugal aconteceu,
nesse tempo, os portugueses estavam assustados com o processo
Revolucionário em Curso e com os Retornados, -uma ameaça!

Eu, Sénior – A Liberdade no Trabalho

Passei a fazer o que me apetecia e quando me apetecia.
Em 2012 entrei na Universidade Sénior Nova Atena.
Encontrei o ambiente para dar asas ao meu gosto pela escrita.



Nova Atena
Saberes e Bem-Estar





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Creio que foi o sorriso quem abriu a porta



CREIO QUE FOI O SORRISO QUEM ABRIU A PORTA

No dia 31 de dezembro de 1958 teve lugar na Cooperativa Militar, na Rua de São José nº 24 em Lisboa a festa de fim de ano. As duas salas estavam engalanadas para podermos fruir duma boa despedida do ano velho e dar as boas-vindas ao Ano Novo. O palco era ocupado pela orquestra de Shegundo Galarza com os seus violinos. Este conjunto estava na berra nas décadas de 50 e 60 do século XX.

Cerca das 20h30 começou a ser servida a ceia. O baile começou às 22h00 e foi percorrendo todo o espectro musical indo dos *slows* até ao *rock and roll* e música regional portuguesa tipo, *Apita o Comboio!* É no tempo do baile que começa a história que vos vou contar. Para tanto, é preciso apresentar as três personagens que entram no enredo e que são: a **Alicia**, uma jovem de vinte anos, bailarina no Teatro de São Carlos em Lisboa. Era uma mulher com um corpo excelsamente feminino. O **Pompeu**, frequentava o 1º ano da Escola Naval, tinha dezoito anos. O **Leónidas**, frequentava o 5º ano do curso secundário de indústria, tinha dezasseis anos... A Alicia ora dançava com um ora com o outro. Próximo do fim da noite, o Leónidas ganhou coragem e disse à Alicia que tinha os olhos muito bonitos. A resposta dela a este comentário foi um *largo sorriso* que *abriu a porta* para a pergunta seguinte: «Quando poderemos encontrar-nos?» A resposta veio pronta: «No próximo sábado ao fim da tarde à porta do Teatro São Carlos.»

Foi assim que começou o namoro entre os dois pombinhos! Terá começado? Todos os sábados, tínhamos o amigo Leónidas à porta do teatro à espera da sua diva para deambularem pelo Chiado, Rossio, Restauradores e Terreiro do Paço para mirarem as águas do Tejo e o movimento dos Cacilheiros. Porquê seria que a Alicia nunca estava disponível aos domingos?! A resposta a esta dúvida veio em 20 de março, dia do seu aniversário. No decorrer da festa de anos que teve lugar na sua residência na Travessa do Convento de Jesus, na freguesia da Misericórdia, em Lisboa. A surpresa do Leónidas atingiu o máximo quando enxergou o Pompeu no meio dos muitos convidados jovens, rapazes e raparigas, presentes no salão da casa. Lembram-se do Pompeu? Sim, aquele cadete da Marinha com quem a Alicia dançou na festa de fim de ano e agora, segundo ele próprio afirmou, eram namorados!



nome

José Eduardo Gomes
Marques

género

POESIA PROSA

título

O homem verde, 13 de
abril 2022



O HOMEM VERDE, 13 abril 2022

Todos os dias ao longo das últimas semanas, mais ou menos pela hora do jantar, este homem entra-nos pela casa adentro, sem convite e sem cerimónias, traz-nos “notícias” da guerra, esse tempo que suspende a vida e só a morte é notícia, todos os dias e a todos as horas. O seu rosto é frio como a morte que anuncia, sem expressão, parece um produto de IA, oco de qualquer sentimento humano, a léguas de qualquer empatia, apenas a boca, também ela sem expressão definida, tenta articular uns sons metálicos, como as balas infinitas que diariamente são disparadas, sem sentido para nós que julgávamos que a vida era um bem supremo e a morte um ato de transição, talvez, também ele natural. Neste ecrã de filme de guerra e terror apocalítico, em que um império outrora erguido e já desfeito, tenta de novo imperar, pela subjugação dos povos, pelo medo e pelo terror, os mesmos que durante tantos e tantos anos, ainda de fresca memória, ditou o trabalho escravo, o castigo e a fome, o extermínio e a morte de uns largos milhões de seres humanos, por pensarem diferente ou suspeitos de poderem vir a pensar, por ousarem que a injustiça não fosse a lei e que a vida fosse possível, num mundo em que a servidão imperou durante uma história de séculos e séculos.

Com a estrondosa mudança de cenário ocorrida nas primeiras décadas do século vinte, no meio da esperança ilimitada, do entusiasmo incontido e na celebração da nova vida, poucas décadas depois, os novos servos passaram a viver sob um regime cinzento, escuro, onde a luz do sol desapareceu, sem um sorriso, onde tudo era tabelado, do vestuário aos escassos bens, dos comportamentos às condutas individuais, da arquitetura ao urbanismo, e todas as formas de vida foram cobertas por uma imensa cortina, de tons monótonos, esvaída de cor, asfíxiante, pesada como o silêncio, como o ferro.

É esta bestialidade crua, bruta e sem razão ou fim à vista, que de novo sobe à cena, ainda mais negra do que antes, mais mortífera e desumana, carregada de corpos sem vida e de valas rasgadas na terra, cemitérios, de vidas em fuga apressada num comboio sem fim que não para de partir para destino incerto, a fazer lembrar comboios de outros tempos com destinos e paragens marcadas num mapa do que seria um destino final.

Todos os corpos espalhados pela terra, becos, esquinas e esqueletos dos edifícios, juncados como num campo de batalha de séculos passados, trazem a barbárie pura para a boca de cena, num espetáculo de horrores não previstos ou imaginados para estes tempos. Estas são as “notícias” relatados pelo homem de farda verde, embrulhadas na “nobre missão” anunciada e enaltecida por este robot, sem viço, sem alma e sem vida, já morto sem que o saiba.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Luísa Machado Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Marina



MARINA

Nestes tempos belicistas que assolam a Europa é difícil resistir à tentação de evocar experiências junto dos designados PECO (Países da Europa Central e Oriental). Com os textos anteriores e o presente farei por fechar uma trilogia, cujas facetas do vivenciado há mais de quatro décadas remete para valores e modo de estar de um outro mundo face ao Ocidente, o qual nos interpela quanto à sua História passada e contemporânea. Revisitar o ocorrido com a Marina, é reentrar por escassos dias no estilo de vida privada de uma médica psiquiatra moscovita. Privámos em Viena de Áustria, em 1988, ainda não se adivinhava o 9 de novembro de 1989 com o 'desmoronar da Cortina de Ferro'. Uma reunião da OMS juntava profissionais de países de ambos os lados: o Ocidental, descontraído e participativo, o Oriental compreensivelmente contido. De A a U, desde o Azerbaijão ao Uzbequistão, havia mais de uma dezena de países com os quais contactava pela primeira vez e que me despertavam profunda curiosidade. Tímidos testemunhos de escassez de meios, desejo de conhecimentos técnicos, enfim, o essencial num tal contexto e que foi objeto de uma edificante e acessível apresentação do especialista da OMS acrescentada de comunicações sobre experiências de países Ocidentais, nomeadamente, a de Portugal. Além dos 3 dias e meio de trabalho até ao fim da manhã de uma 6.ª feira, foi excelente o programa social que diluiu alguma da inibição própria da situação. Os voos de regresso eram apenas no domingo dado haver redução de custos para a organização desde que se pernoitasse o fim de semana, o que nos ofereceu tempo livre para disfrutar de visitas locais, para as quais beneficiámos da gentileza de 100 dollars como dinheiro de algibeira. Para Lisboa não havia voo direto e fui a última a regressar.

Em privado, o coordenador pediu-me que acolhesse Marina (Voo perto do meu e, como cidadã do Leste, dificuldade em circular). Anuí. Planeara andar pela cidade, ir ao Museu de Arte e à Casa de Freud. Concordámos e começámos pelo 'Ring de Viena'. Surpresa foi a aquisição do bilhete do elétrico. Marina não sabia como fazer. Disse-me que na Rússia recebia senhas. Renitente aceitou que eu resolvesse e fizemos o circuito. Numa longa conversa explicou-me que o Estado era o gestor desde casa, eletrodomésticos ou raro automóvel, pois tudo era distribuído às famílias consoante a sua dimensão e hierarquia. Estranhou que no Ocidente fossemos nós a tratar de tudo e foi acérrima na defesa do modelo de Leste. Ao ver que as visitas ali eram pagas, alegou preferir ficar pelos jardins (percebi que discordava e não queria tocar nos tais dollars). Disfarcei. Respeitei. Fui só. Passeámos depois. Mantivemos contacto até à convulsão política de 1989...

Mais tarde soube que se radicara e era psicanalista em Paris. Ironia do destino?! Fuga política?! Por gosto?!





nome

Maria da Conceição Areias

género

POESIA PROSA

título

Domingo



DOMINGO

Um poema de manhã
Para tomar com o café,
Que bebo, até à última sílaba.
Da janela, vejo as palmeiras
De vários tamanhos
E os aloendros em flor.
Os canteiros foram arranjados
Com recortes pela relva
Preenchidos com pedrinhas;
Está mais alegre.
Não vejo as dezenas de carros,
Não os quero no meu poema!
Ah, mas o prédio da Clarisse
Tem uma porta nova
Toda de vidro, que espelha.
Talvez reflita o meu poema...
É de reflexão que vamos precisando,
E também da temperança
E da bonomia da Clarisse.
A esta hora, ainda não há gente pela rua.
Acabei o café
Não tenho mais poema.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

Pequenas grandes vedetas

Pequenas grandes vedetas

De entre as crianças que se associavam ao sofrimento do leãozinho (conto de Março), havia várias que também se entristeciam com a exibição artística de crianças com idades próximas das suas.

Era um enorme sofrimento vê-las suspensas apenas pelos seus longos e frágeis cabelinhos, em rodopios nas alturas; verdadeiramente arrepiante! E se o cabelinho, suporte único do seu peso, apesar das suas fragilidades físicas, se desprendesse do couro cabeludo?

Além dessas exibições, havia outras não menos perigosas, também elas executadas sem rede protetora. Corpinhos frágeis voavam sem asas, de trapézio em trapézio, confiando na exatidão do comando de partida, num cruzamento alucinante e tudo acontecendo junto ao teto do circo. As suas vidas à mercê de cálculos e compassos que não sendo infalíveis poderiam tornar-se seus inimigos com consequências desastrosas. Mais uma vez o risco máximo em nome do espanto e admiração do público presente! Acrobacias altamente perigosas! Que inseguranças e medos, seriam sentidos por essas crianças vedeta? Terminada a apresentação, seguiam-se os aplausos e era aí que as suas fisionomias refletiam o cansaço e sofrimento, através da inibição dos seus sorrisos tristes, sem vitalidade! Uma das meninas espetadoras, continua a questionar, que razões poderiam justificar a exploração dos indefesos? Poderia tratar-se de descendentes, contudo eram crianças sem capacidade de dizer NÃO. Crianças em idade de brincar, frequentar atividades saudáveis e construtivas. Desgastá-las com exigências profissionais não era certamente a melhor proteção a conceder-lhes! A menina espetadora, hoje adulta, tem o mesmo olhar sobre esses tempos idos. O circo conquistou glamour e estatuto, dignificou-se, mas...! Esperemos que assim seja!! e que o respeito pelas crianças seja cumprido.

A Convenção sobre os Direitos das Crianças que as Nações Unidas adotaram por unanimidade, destaca o papel da família no desenvolvimento da criança e a sua necessidade de proteção.

Esperemos que chegue o tempo em que as Convenções sejam desnecessárias e seja a sensatez a conduzir as atitudes corretas sem necessidade de imposições, mas apenas a força do respeito a ter voz!

Esperemos, que as então pequenas grandes vedetas desses tempos, hoje mulheres maduras, mães, avós, tenham tido a coragem de dizer NÃO e alterado hábitos tradicionais em relação aos seus descendentes.

Esperemos que as marcas das suas infâncias se tenham tornado as suas bandeiras motivadoras da viragem e assim contribuído para alterar saudavelmente o desenvolvimento dos seus descendentes e toda a criança.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria Silveira

género

POESIA PROSA

título

Foi em abril

FOI EM ABRIL

Quarenta anos silenciado, país retrógrado,

Autocracia, pobreza, iliteracia

Luta pela sobrevivência além-mar

Treze anos de guerra colonial

Até que, escondidos em trigais alentejanos,

Clandestinos estrategas e beligerantes comandos

Há idos cinquenta anos a revolução prepararam!

Aconteceu, foi em abril 25...

Regozijaram os céus e, esfuziante o cidadão,

À luz do dia a herança iluminista fez ressurgir:

Liberdade, a possível! Por vezes confundida com libertinagem;

Fraternidade, sem dúvida! Ruas plenas de abraços, de mútua aceitação;

Igualdade, o ideal irreal! Inestancável o fosso da desigualdade.

Cinco décadas volvidas prossegue o confronto político

A luta pela mudança, vão e vêm laivos de esperança,

Está de pé o país, ora recua ora avança...





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Marina Brandão Lucas

gênero

POESIA PROSA

título

Brasil. Divino e os imperadores

BRASIL. O DIVINO E OS IMPERADORES

Lá para as bandas do Maranhão, sobrevoando lençóis maranhenses, lendas e "causos", em Alcântara, um braço de mar distante de S. Luís, conta-se uma história. Um dia o Imperador D. Pedro e a Imperatriz pensaram viajar até ao norte do país. Brasil grande como só ele, e tudo distante no século XIX, Alcântara sentiu-se honrada. Nas dificuldades da pobreza do lugar, um senhor proprietário - que sempre os há - resolveu mandar construir uma casa de pedra e muitas cantarias para alojar a família imperial. Só que os imperadores desistiram da viagem e a casa ficou a meio da construção. Ainda se aguentam de pé as paredes, e as janelas vazias espreitam a natureza.

Mas Alcântara não esqueceu esta história e assim, todos os anos, no tempo das festas do Divino Espírito Santo, faz a comemoração como se o Imperador e a Imperatriz fossem os seus convidados para o desfile. No fundo, memórias, e continuação da cultura dos muitos açorianos que para lá tinham ido viver, desde o século XVII.

E assim, no dia marcado, a banda sai à rua e as caixeiras (antigas reminiscências dos escravos locais) tocam; a menina imperatriz e o menino imperador seguem muito conscientes do seu papel; e vão as princesas com os seus enfeites; as bandeiras e a coroa; o mordomo dirige; já se levantou o mastro com as insígnias do Divino; a Igreja velha vê passar o povo, a igreja nova recebe-os solenemente sempre ao toque de caixa e da admiração dos que se juntam só para ver. E rezar.

Depois, na casa do Mordomo, junto ao trono enfeitado, segue o resto da função. Danças, cantorias, comidas e bebidas e no fim, um grande cansaço feliz. Mais uma vez o Divino acompanhou a aldeia e ... para o ano há mais. É só escolher o novo imperador e a nova imperatriz porque a tradição não falha.





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Mítú Branco

gênero

POESIA PROSA

título

Azul

AZUL

da minha saia rodada,

do pássaro na janela,

da nuvem recortada,

da hortências na viela.

Azul

do teu amor friorento,

da vela que desfraldaste

e que se perdeu no tempo.

E o meu coração

Vermelho

Desbotou

Ficou

Azul

e caiu no esquecimento.





nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

Guerra



GUERRA

Sinos tocam
É domingo
Hora de o Senhor louvar
Os sinos tocam
São as Ave-marias
É hora de recolhe
Os sinos tocam
Tornam a tocar
Repicam alegres
Hoje um casamento
Amanhã um batizado
As matinas para nos acordar
Mas agora não são os sinos
que se ouvem pelo ar
É a morte que voa a sibilar
As balas
Os morteiros
Caiem certos
Com estrondo
nas vidas que vão a passar,
em quem já não tem casa
para se abrigar.
Os rostos alegres de outrora
não sorriem
só choram
só olham para o céu
na esperança de um Deus
os vir ajudar.



Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Teresa Castro Mendes

género

POESIA PROSA

título

Como se chama...?

COMO SE CHAMA ...?

Concluída a licenciatura, no início dos anos 80, decidi ir, durante um ano, para França como “assistente de português”, um cargo oficial, cujo trabalho era muito semelhante ao dos leitores. Só que estes o exercem em universidades e eu iria trabalhar com alunos do liceu.

Fui colocada numa pequena cidade perto de Poitiers, em pleno campo, uma região demasiado agrícola para atrair emigrantes. Mas aí havia um professor francês, Pierre, de tal forma apaixonado pelo nosso país, de tal forma popular entre os jovens, que conseguia atrair, ano após ano, cerca de duas centenas de alunos francófonos que aprendiam, sofregamente, o português como língua estrangeira. E ao professor Pierre, nesse ano, foi-lhe atribuída, pela primeira vez, uma assistente. Fui eu a estreante. Havia uma curiosidade imensa em saber como era “uma portuguesa”, como era... em Portugal.

Desde a minha chegada, a par de um crescente carinho, as perguntas choviam – como é... como se faz... como se come... como se bebe... como... como... Isto tanto em aulas, como fora delas! O “como” ou, mais precisamente, o *comment*, encheu o meu espaço, os meus dias, a minha pessoa... transbordou! E os meus demónios vieram ao de cima a par de uma grande e saudável camaradagem. As histórias mais inverosímeis surgiam na minha cabeça e fluíam dos meus lábios mais rápidos que a censura da sensatez! Adorava explorar *ce côté naïf de mes élèves* e que chegou aos ouvidos dos dois professores com quem trabalhava directamente - Pierre e Eric. Riam-se, abanavam a cabeça, encolhiam os ombros... *n’importe quoi...*

E nos idos de março, fizemos a visita de estudo a Portugal. Com os demónios no auge da actividade, sugeri que procurassem o doce típico, “sandes de açorda”, ou a bebida, “uma biba e um cagaço” ... as mãos estendiam-se para me apertar o pescoço, mas acabávamos todos caídos por terra mortos de riso! Estávamos em Alcobça. Saudosa dos meus bolos, entrei sozinha numa pastelaria, pedi um café e um apetitoso guardanapo. Apareceu o guloso professor Eric cujos olhos, de imediato, se fixaram no triângulo de pão de ló e doce de ovos. Desejou-o e perguntou-me o nome. Disse-lho – guardanapo!

- *Quand même... ça va pas?!... Peço um “guardanapo” - e batia com o suporte no balcão - ... e o que me traz a empregada?!... Je ne suis pas un élève!!!... Vas-y, Teresa, le nom du gâteau?*

Entre juras sentidas de um momento raro de seriedade, chamei a senhora, ela que me credibilizasse!

- Por favor, minha senhora, diga ao meu amigo como se chama este bolo!

- Fralda!... Aqui em Alcobça, chamamos-lhe fralda!



Nova Atena

Saber e Bem-Estar





ABRIL

2022



Nova Atena
Sabêr e Bem-Estar



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Días!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes